



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

A defesa das cidades

Em meio a notícias sobre a realização da COP30, um tornado, com ventos que chegaram a 350 km, arrasou a pequena cidade de Rio Bonito do Iguaçu, no Paraná. Cerca de 90% do município ficou arrasado, seis pessoas morreram e 9 mil foram afetadas de alguma maneira pela catástrofe climática. A devastação ocorre em poucos minutos. Parece uma cena de guerra. Os sinais de desequilíbrios da natureza não poderiam ser mais explícitos.

Na enchente de maio de 2024, no Rio Grande do Sul, morreram 185 pessoas e 23 ficaram desaparecidos. O desastre não

pode ser atribuído somente aos desígnios imprevisíveis da natureza. Sim, eles estão previstos pelos cientistas com as mudanças climáticas, mas os governantes não tomaram as providências necessárias. O prefeito não cuidou da manutenção das barreiras contra a água, enquanto o governador flexibilizou as autorizações para licenças ambientais.

E, em nosso território, sem as mudanças climáticas, a cidade não estava preparada para receber as chuvas. Não existe mapeamento das vulnerabilidades de cada região administrativa. O saneamento, o escoamento e drenagem são precários. Em determinadas regiões administrativas, as ruas viram rios de lama quando chove.

Mas, agora, com o novo cenário das condições ambientais, a situação se agravou e demanda uma nova consciência dos

cidadãos e dos governantes. Estamos atrasados nas providências para mitigar os efeitos das mudanças climáticas. As versões iniciais do PPCUB ignoraram quase que completamente essa realidade, privilegiando apenas os interesses da especulação imobiliária em detrimento da qualidade de vida da maioria da população.

Queriam reduzir as áreas verdes e os espaços vazios do Plano Piloto, que amenizam os efeitos do calor e facilitam a ventilação. A ONG A vida no Cerrado, sediada em São Sebastião e com ramificações em vários estados lançou, nas últimas eleições, o *Guia para Candidaturas Ambientalistas*. Um aspecto interessante está no fato de que a ONG é uma proposta de jovens. A mocidade precisa abraçar a causa ambiental, senão estamos ferrados.

Bruno Eduardo, biólogo e mestre em

ecologia, vice-diretor da Avinc (A vida no Cerrado) concedeu entrevista à coluna *Eixo Capital* em que tocou em pontos importantes para uma nova visão sobre a vida nas cidades sob a emergência climática. Segundo Bruno, os cidadãos e os políticos não devem olhar o meio ambiente como uma bolha, mas, sim, como um tema transversal.

A crise climática envolve tudo: meio ambiente, saúde pública, educação e mobilidade urbana. Os prefeitos, vereadores e governadores estão na linha de frente das cidades assoladas por enchentes, secas e calor extremo. Com políticas públicas, eles podem promover a resiliência em seus territórios e a sustentabilidade nas cadeias produtivas.

Bruno destaca que adotar soluções baseadas na natureza. Isso é muito

importante. Áreas mais verdes podem reduzir a sensação térmica. E, em relação a isso, o Plano Piloto está bem aquinhoado. No entanto, a maioria das outras regiões administrativas padecem da falta de verde. E é preciso tornar as cidades mais permeáveis. Clamamos por chuva, mas quando ela chega, enfrentamos a dificuldade de drenagem. Os solos estão altamente compactados, não conseguem infiltrar a água.

É preciso investimentos para lidar com a crise climática. Não é mais possível votar em candidatos que não têm um programa para o meio ambiente. Como diz o personagem do Cristo Zumbi, em *A Ida-de da Terra*, de Glauber Rocha, berrando para ninguém no meio do Cerrado, sob o fundo do Palácio da Alvorada: “Acorda, humanidade! Acorda, humanidade!!!”

SAÚDE PÚBLICA

Wolbito: o mosquito do bem

Até 8 de novembro, o DF registrou 10 mil casos de dengue, uma redução de 96,3% em relação ao mesmo período do ano passado. Conheça a técnica implementada na capital, que pretende reduzir mais a incidência de doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*

» ANA CAROLINA ALVES

O período de chuvas chegou e, com ele, o medo dos mosquitos da dengue. Mas nem todo mosquito é vilão. No Distrito Federal, cientistas produzem o wolbito — um *Aedes aegypti* “do bem”, que carrega uma bactéria capaz de bloquear o vírus da doença e transformar o inimigo em aliado.

De acordo com a Secretaria de Saúde, o DF registrou, até 8 de novembro de 2024, 278 mil casos de dengue e 440 mortes, o maior número dos últimos anos. O pico de contaminações ocorreu no início do ano, o que explica o alto volume de registros. Em 2025, no mesmo período, foram contabilizados cerca de 10 mil casos e uma morte, indicando uma redução de 96,3% em relação ao ano anterior. Em 2023, quando não houve surto, o DF havia registrado 29 mil casos e três óbitos no mesmo período.

Na tentativa de reduzir mais o número de casos, o método Wolbachia transforma o próprio *Aedes aegypti* em aliado no combate às doenças transmitidas pelo mosquito. A técnica consiste na liberação de mosquitos que carregam a bactéria Wolbachia, capazes de se reproduzir com os *Aedes* locais e formar, aos poucos, uma nova população — todos com a mesma característica: a incapacidade de transmitir dengue, zika e chikungunya.

O processo tem início em Curitiba, onde a biofábrica da Wolbito Brasil produz até 100 milhões de ovos de mosquitos com a bactéria por semana. Esses ovos são enviados em cápsulas para os Núcleos Regionais de Produção (NRP), atualmente localizados em Brasília e em Joinville (SC). Na capital do país, o processo ocorre no Núcleo de Controle Químico e Biológico, onde fica o NRP Oswaldo Paulo Forattini, que funciona como uma espécie de “berçário” do mosquito do bem.

Produção

Cada cápsula enviada de Curitiba contém cerca de 570 ovos inoculados com a bactéria que impede o desenvolvimento do vírus da dengue. Assim que chegam ao laboratório, as cápsulas são colocadas separadamente em potes plásticos

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



O Núcleo de Controle Químico e Biológico funciona como uma espécie de “berçário” do mosquito

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Monitoramos temperatura, iluminação e alimentação diariamente para garantir que os mosquitos se desenvolvam com a bactéria ativa e saudável”

Anderson de Moraes Leocádio, chefe do Núcleo de Controle Químico e Biológico

com aproximadamente 500 mililitros de água e uma ração em pó, que serve de alimento para as larvas. Um pedaço de tule é firmemente preso à boca do pote permitindo a ventilação e a segurança dos mosquitos.

Os potes, então, são colocados em caixas e levados a uma outra sala, onde a temperatura é controlada e mantida entre 29°C e 30°C, numa condição ideal para o crescimento. Lá, durante sete dias, as larvas se desenvolvem até se transformarem em pupas, uma fase intermediária que antecede os mosquitos adultos. Depois desse período, o ciclo está completo e os primeiros insetos começam a surgir.

Quando chegam à fase adulta, os mosquitos são transferidos para um segundo ambiente, onde passam por um processo chamado de “drenagem”, quando a água dos potes é retirada, deixando apenas os mosquitos prontos para o voo.

Após isso, recebem uma solução açucarada oferecida em algódões umedecidos. Essa alimentação garante energia suficiente para que permaneçam ativos até o momento da soltura. Os potes e telas utilizados são higienizados e reaproveitados para os próximos ciclos de criação.

De acordo com Anderson de Moraes Leocádio, chefe do Núcleo de Controle Químico e Biológico, o trabalho no DF é contínuo e

exige cuidado em cada etapa. “Cada cápsula chega com centenas de ovos que precisam ser acondicionados em ambiente controlado. Monitoramos temperatura, iluminação e alimentação diariamente para garantir que os mosquitos se desenvolvam com a bactéria ativa e saudável”, explica.

Soltura

Para a soltura, os mosquitos saem ainda nos potes de plástico e são retirados do NRP por equipes da Vigilância Ambiental do Distrito Federal. Os insetos são transportados, em veículos preparados para o deslocamento, até as áreas de soltura definidas.

As liberações são feitas com mosquitos adultos, de forma manual e direcionada, sempre por servidores locais. Uma vez soltos, os wolbitos se reproduzem com os mosquitos selvagens e transmitem naturalmente a Wolbachia aos filhotes. Com o tempo, a nova geração de insetos com a bactéria passa a dominar o ambiente, reduzindo a capacidade de transmissão da dengue.

O projeto abrange 10 regiões administrativas do DF: Planaltina, Brazlândia, Sobradinho II, São Sebastião, Fercal, Estrutural, Varjão, Arapoanga, Paranoá e Itapoã — além de Luziânia e Valparaíso (GO). Os locais foram selecionados pelo Ministério e Secretaria de

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Projeto abrange 10 regiões administrativas do DF, Luziânia e Valparaíso

Saúde por apresentarem historicamente maior vulnerabilidade para ocorrência de casos de dengue.

Prevenção

O método está presente em 15 países, com evidências consistentes de redução significativa nas doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*. Em Niterói, os estudos apontam redução de até 89% nos casos de dengue, 60% de chikungunya e 38% de zika. No DF, como a biofábrica foi inaugurada em setembro, ainda não há como mensurar.

“Com o passar do tempo, a quantidade de mosquitos com Wolbachia aumenta até se tornar estável, sem a necessidade de novas solturas. Esse efeito torna o método autossustentável e uma solução acessível e duradoura para o controle das doenças transmitidas pelo *Aedes*”, conclui Anderson.

O emergencista Marcelo Neubauer explica que a dengue é uma doença que pode causar febre alta, dores intensas no corpo, náuseas e manchas vermelhas na pele. “O atendimento médico deve ser procurado logo no início dos sintomas, como a febre alta persistente e fraqueza. Além disso, caso os sinais de alarme, como vômitos incontroláveis, presença de manchas no corpo, que pode significar a

forma hemorrágica, e redução do volume de urina, o atendimento médico deve ser procurado com urgência”, alerta.

Talita Resende Leal Ferreira, infectologista do Hospital Anchieta Ceilândia, complementa que, antes dos sintomas aparecerem, é necessário estar alerta para as medidas de prevenção da doença. “É preciso manter as caixas d’ água fechadas, descartar corretamente os utensílios, as garrafas PET, não deixar água parada no jardim e comunicar a equipe caso visualize alguma área abandonada. Agora, com a volta das chuvas, a nossa principal medida é evitar a água parada”, destaca.

Ela acrescenta que a vacinação também é uma importante aliada no controle da doença. “O imunizante disponível no SUS contra a dengue é a Qdenga, que atua contra os quatro sorotipos do vírus da dengue. Hoje, ela está disponível para as crianças entre 10 e 14 anos, por serem as mais atingidas. Ela é muito importante porque diminui a circulação do vírus e os sintomas graves nessa população”, informa. Para os adultos, a vacina está disponível em laboratórios particulares.



Aponte a câmera e assista ao vídeo que mostra a técnica

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 17 de novembro de 2025

Campo da Esperança

Benedito Francisco de Carvalho, 78 anos
Clarice Gonçalves Ferreira, 71 anos
Epifânia Maria de Jesus Mendes, 10 anos
Esmeraldina Brandão da Silva, 83 anos
João Batista Antunes, 68 anos

Maria do Carmo Silva Faria, 82 anos
Maria Neris, 77 anos
Marina Villares Lenz Cesar Sisson, 70 anos
Nelson Gonçalves Gomes, 64 anos

Taguatinga

Creusa Maria Nunes, 77 anos
Florisbela Gonçalves de Souza, 81 anos

Genivalda Silva Tavares, 53 anos
Ide Maria de Castro, 76 anos
Jair José Gonçalves, 71 anos
Joaquina da Silva Coelho, 60 anos
José Rodrigues da Trindade Neto, 71 anos
Manoel Ferreira Irmão, 83 anos
Maria Aliana Pires, 54 anos
Orny Francisco de Andrade, 79 anos
Osválinda Agripino de Souza, 51 anos

Sidney de Jesus Junior, 26 anos
Sophia Rodrigues da Silva, menos de 1 ano
Suely Ferreira dos Santos, 55 anos

Gama

Alzira Alves de Oliveira, 79 anos

Planaltina

Maria Betânia Farias de Oliveira, 66 anos

Maya Rocha dos Santos de Jesus, menos de 1 ano

Jardim Metropolitano

Paulo Pedro de Souza, 79 anos
Maria da Glória Salazar Farias, 91 anos
Luís Joaquim de Barros, 86 anos (cremação)